

propria Constituição da Republica, tra-  
tando de tal forma cidadão ordeiro e  
pacato cumpridor dos seus deveres.

Agradeco gentilmente a interveção  
dos meus amigos que intercederam a  
meu favor, fazendo comprehender ao  
dr. delegado que não precisava empregar  
uma medida vexatoria para um cidadão  
ordeiro e cumpridor dos seus deveres,

Sou cidadão Brasileiro, amigo das  
ordens, quando ellas são cumpridas com  
justiça, acompanhando o rito proces-  
sual da nossa jurisprudencia e não com  
arbitrariedade e abuso de poder, que  
acredito e comprehendo que estas ordens  
não são derivadas de nenhuma  
autoridade superior, mas que o nosso  
muito digno e illustre sr. dr. Roberto  
Moreira, chefe de Policia, com as suas  
boas normas de homem de justiça, sa-  
berá tomar na devida conta, podendo  
tomar as providencias que forem jul-  
gadas adequadas: para que taes scenas  
tão degradantes não se repitam em  
certas cidades do interior do nosso Es-  
tado, que depõem contra a moral e a  
justiça, sendo de tal forma desvirtua-  
das as ordens emanadas dos chefes,  
pondo em perigo a vida de homens de  
bem que andam em pleno uso e gozo  
de seus direitos civis e politicos.

Saúde e fraternidade.  
Do seu amigo e admirador,  
CLIMERIO MALACHIAS.

# Um grande escandalo bancario

## A' justiça do meu paiz, ao commercio, ás industrias e á lavoura

### Arrancando a mascara

#### IX

Ao referirmo-nos ao diabolico plano do Banco Francez e Italiano, e á  
sua fria e infame execução com que enguliu a firma F. Rinaldi & Cia., só  
podemos fazel-o em grandes linhas, pondo de parte muitos detalhes epi-  
sodios, que, por si sós, fariam arripiar cabellos.

Nestas publicações, que promettem ir longe, só podemos passar em re-  
senha rapida, só podemos tratar por alto o Banco Francez e Italiano, os  
seus directores e as façanhas de ambos, ligados na finalidade commum de  
saquearem a firma Rinaldi.

E' no grosso volume, proximo a sahir, que tratamos amplamente, e ba-  
seados em documentos incontestaveis, do "UM GRANDE ESCANDALO BAN-  
CARIO", que, actualmente, está empolgando o Paiz, de Norte á Sul, desper-  
tando o mais vivo interesse junto do Commercio, das Industrias e da La-  
voura, e, conseguindo, ao mesmo tempo, electrizar a opinião publica, indi-  
gnada, revoltada contra os continuos assaltos dos judeus francezes ao ouro  
e ao brio do nosso Paiz.

Pela documentação cerrada e valiosa, e pelos depoimentos de dignos  
cavalheiros, temos provado, á saciedade, que o Banco Francez e Italiano é  
uma organização de espertalhões judeus de Paris, sem capital nenhum em  
nosso Paiz, e com o unico fito de encampar o dinheiro brasileiro, que ca-  
nalizam em parte para a França, e com o resto escravizam o Commercio,  
as Industrias e a Lavoura, ao mesmo tempo que os seus directores daqui,  
como Vicente Frontini, se tornam facilmente millionarios, quando não  
procuram insinuar na politica do Paiz, ou quando não fazem obra de subor-  
no com o nosso proprio dinheiro.

Os dados, os documentos, os factos ignominiosos, que, até aqui, temos  
produzido, são tão eloquentes, assim irretorquiveis que levantaram, na con-  
sciencia de todos, uma justificada indignação contra o Banco Francez e Ita-  
liano. Todas as classes, a grande alma do generoso povo vibraram, ergue-  
ram-se como paladinos para esmagarem, com o seu silencioso mais signifi-  
cativo protesto, o pseudo banco que, em lugar de vir cooperar em nosso  
surto, como parasita, como vampiro que é, suga dinheiro de todas as clas-  
ses, em beneficio dos judeus nababos de Paris, e do benemerito director,  
Vicente Frontini, cuja fortuna de funcionario supera 20 mil contos de réis.

E, comtudo, a exóticos bajuladores, assalariados de reconhecida e no-  
toria deficiencia moral, que não hesitam de cantar, em prosa vil e paga, os  
merecimentos de Vicente Frontini, de enaltecer-lhe os grandes serviços  
prestados durante trinta e seis annos, ao Estado de São Paulo, ao Brasil, á  
Patria e á Humanidade.

Ninguem se admira desses elogios pagos a um tanto á linha, e que só  
têm a virtude de pretender curar o cancro com o panno quente. O cancro  
extirpa-se, para não affectar mais o organismo social.

"Vicente Frontini é um benemerito por ter levado o Banco Francez e  
Italiano á altura de um dos maiores estabelecimentos de credito no Brasil,  
e por ter desempenhado cargos relevantes no mesmo banco." E' este o es-  
tribilho delle, Frontini, e dos seus asseclas.

Essa affirmação gratuita e generosa não resiste á menor e mais leve cri-  
tica. De facto, de uma perfunctoria analyse, resulta que a obra de Vicente  
Frontini, a serviço do Banco Francez e Italiano, pôde ter sido, foi mesmo  
valiosa para o banco, valiosissima para os judeus de Paris, e para si mes-  
mo, mas deletéria, nefasta para o Brasil, e para todos quantos, em magni-  
fico esforço, labutam para o progresso geral do Paiz.

Vicente Frontini, ao deixar o presidio na Italia, aportou a esta grande  
patria generosa e hospitaleira. Aqui, depois de varios annos de aventuras e  
de interessantes façanhas — que constituem lindos capitulos de nosso gros-  
so volume — entrou a serviços de judeus estrangeiros, dos espertalhões ju-  
deus de Paris. Durante o longo periodo de vinte e seis annos de sua acti-  
vidade nesta capital, só teve uma unica missão que cumpriu religiosamen-  
te: retirar da circulação — o mais possivel — dinheiro brasileiro. Só se pre-  
occupou em encampar, em monopolizar o dinheiro de brasileiros, italianos,  
portuguezes, allemães, hespanhóes, etc., para entregal-o nas garras de des-  
conhecidos agiotes de Paris, para pôl-o dentro das areas de usurarios e  
scoecs. As consequências disso?

A encampação, o monopolio do ouro brasileiro serviu de corda para en-  
focar os proprios brasileiros, para enforçar o Commercio, as Industrias e a  
Lavoura do Paiz, que de dinheiro precisavam e precisam, para poder in-  
crementar e prosperar.

Dest'arte, Frontini, durante o referido longo periodo, trabalhou sempre  
em insidiar o capital brasileiro, para entregal-o a serviço de abutres ju-  
deus; trabalhou sempre em insidiar o Commercio, as Industrias e Lavoura  
para acorrental-os e entregal-os ás dependencias e á discreção dos mesmos  
judeus de Paris e do proprio Frontini.

Não ha quem possa pensar o contrario da actuação deletéria, nefasta e  
antipatriotica de Vicente Frontini, em trinta e seis annos de sua pernicioso  
residencia no Brasil.

Deante destes factos positivos, depois destas razões graniticas, é forçoso  
concluir que toda a actuação desse homem no Brasil foi sordida, nefasta,  
contraria e hostil aos interesses do nosso Paiz.

O millionario Frontini, numa modestia nada commum, faz alarde de  
ter desempenhado cargos de alta confiança em importante estabelecimento  
bancario.

Com a sua propria orgulhosa affirmação, Frontini corrobora o que todo  
o mundo pensa, isto é: Frontini desenvolveu neste Brasil obra nefasta e con-  
traria aos interesses e ao progresso do Paiz.

Tem mais: o habitual sangue frio, a sua seraphica serenidade, a sua ce-  
lebre coragem (estamos usando ephemismos) levam o monumental Frontini  
a publicar no jornal a "Folha da Manhã" esta pyramidal, e, ao mesmo  
tempo, olympica prova de excesso de modestia, que daria para immorta-

zal-o: "...e merecendo pelo meu procedimento o respeito e a consideração  
de todos".

Manes de Cahifas! Tu és um calumniado!...

Frontini a dizer que mereceu o respeito e a consideração de todos,  
pelo seu procedimento! E' assombroso, mas não original. Mais uma delle, que  
nos tinha habituado a tudo.

Neste ponto calha maravilhosamente uma pergunta, que dirigimos ao  
extincto no seu tumulto: Se tú, Frontini, eras considerado e respeitado por to-  
dos, para que, então, apertado pelos documentos por nós publicados, recorres-  
te a esmolar attestados humilhantes sobre tua idoneidade moral? Para que  
enfrentar aquella triste e humilhante encenação no Consulado da Italia,  
que mais se pareceu com uma sessão funebre, com o ritual do "Requies-  
cat"; sessão em que o benemerito commendador J. B. Dolfini officiou no seu  
bonito e costumado papel?

Vicente Frontini bem sabe, e sabem-no até os habitantes de além tu-  
mulo, foi sempre temido e odiado, tolerado. A força e o prestigio do ouro,  
confiado ao banco, deram-lhe a illusão de tratar-se de força e prestigio  
proprios, pessoas. Vã illusão!

A prova provada está clara aos olhos de todos, desde que não é mais  
director geral do Banco Francez e Italiano pela America do Sul: Como por  
encanto, tornou-se logo um cadaver galvanizado, abandonado á sua putre-  
facção, sem uma flor e sem uma lagrima.

Não se pisa impunemente uma sociedade, não se offendem impunemen-  
te os deveres, a moral e os sentimentos hospitaleiros de um povo!

O que toda nação civilizada tem de mais sagrado, o que constitue a  
maior conquista no progresso moral de um povo, o que fórma o orgulho de  
um governo constituído, a base em que assenta toda estabilidade e pro-  
gresso humano é a JUSTIÇA.

Pois bem, Vicente Frontini, o ex-presidiario que a nossa patria acolheu  
em seu seio, dando-lhe milhões, dando-lhe tudo, Vicente Frontini, depois  
de trinta e seis annos de sua residencia neste Paiz, em documento por elle  
assignado, despressa o que nós brasileiros temos de mais sagrado: despressa  
a Justiça do Brasil!

A phantasia, a fabulosa quantia de quasi um milhão de contos de réis,  
de dinheiro brasileiro, depositado nesse pseudo banco, não é absolutamente  
o equivalente do credito que a arapuca diz inspirar; mas é tão somente a  
prova, o documento da boa fé dos depositantes, que se deixam facilmente  
illudir pela ardilosa encenação com que são illaqueados, pela fachada, e pelo  
frontespicio; não menos que com o fausto dos nababos de luvas amarel-  
las e cravo vermelho.

Mas no dia em que os mesmos depositantes abrirem bem os olhos, e, em  
lugar da exterioridade da fachada e de toda a "mise-en-scène", fitarem  
bem o que se agita por dentro, por trás dos bastidores; no dia em que os  
depositantes tiverem a consciencia exacta e nitida de que os seus deposi-  
tos não estão absolutamente garantidos, que não estão ao abrigo de sur-  
presas, oh, então, nesse dia o Banco Francez e Italiano, se quizer continuar  
a ser banco, e não arapuca, ha de fazer voltar de Paris os milhões de ouro  
brasileiro que, durante tantos annos, para lá se canalizarem. Nesse dia os  
espertalhões judeus hão de remetter capitães proprios para que o chamado  
banco possa funcíonar legalmente com capitães francezes, pondo-se, assim,  
em egualdade de condições aos outros bancos estrangeiros.

Emquanto os judeus não se decidirem a isso, e até aquelle dia, o Banco  
Francez e Italiano não se deve espantar com as inevitaveis precauções que  
os depositantes vão tomando na defesa dos proprios depositos.

(Continúa)

São Paulo, 18 de Dezembro de 1926.

FRANCISCO DE NEGREIROS RINALDI

Assumo a responsabilidade do presente artigo e autorizo a publicação na  
"Folha da Manhã" e "Folha da Noite". Data supra. Francisco de Negreiros  
Rinaldi.

**CYMA** SEM IGUAL  
RELOGIO

"p  
Fran  
Batalh  
to em  
por m  
seu i  
Queiro  
pital,  
gentes  
Outr  
soubet  
acima

AN  
SC  
Attende  
18 horas.  
Boa Vista,  
phone

Letr  
Descontam-  
thecas de  
—:—  
Rua Ben

Dac  
O melhor  
DOS" e tecl  
lhores mach  
co (10\$000 p  
Escola "Un  
Gymnasio "L  
ternato-Famil  
ca, rua 7 de

"BLENOR  
torchéa e B  
Proprietari  
Rua das Flore

**PE**  
Excellen  
e cavalh  
ordem,  
3\$000 a  
sionistas

**CHUVE**  
Rua D. Jos

**CASA**  
RUA AUR  
MOTOP  
MATERIAL

**ESCO**  
Dactylog  
culo, Co  
Aulas  
RUA J

"A Lisbo  
pomada qu  
dos callos.  
Propriet  
Rua das FI

**ADM**  
Offerece  
de admini  
dando de  
Para int  
deste jorn

**OVERL**  
**COC**  
Tres me  
lhorament  
Vende-se  
mento.  
Informa  
44 — sal

**ANN**

Vestir-se  
mais o  
pois, na

**Alfai**  
Rua Sa  
V. S. co  
finas e e  
Ternos  
450\$000.  
200\$000.  
10\$000.  
2\$000.

**D**  
**D**  
Faz  
dos